

De Sânzio de Azevedo

Penélope

Que tecedera bizarra,
de dia tece a mortalha

do sogro. De noite, entanto,
desfaz o que custou tanto.

Os pretendentes esperam
a escolha da viúva bela.

Viúva, sim, pois creem todos
que há muito Odisseu é morto.

Será a escolha anunciada
com a mortalha terminada.

Só Penélope ainda crê
que vai rever Odisseu.

3ª PARTE

POESIA

De Barros Pinho

A Liturgia do Sertão no Natal da Espera

No Natal se dizem coisas diferentes
e a palavra tem sabor de oração

O curso lento dos riachos
se envolve afoito
na volúpia das águas

O canto das aves se faz
em salmo bíblico
na cortina das folhas

A jurema é o pinheiro do sertão
no sol de fogo da caatinga

O aboio do vaqueiro
tem o som da harpa de Davi
no templo azul ao fim da tarde

As crianças dançam a pureza
ao sopro da flauta de vento
no ombro das estrelas

O luar tece uma renda de luz
no ninho de palha
no ventre da mulher

As serpentes recolhem veneno
para alimentar
a insensatez da hipocrisia

Nas capelas à beira das estradas
os sinos batem/batem
na noite do campo

Na manhã
um concerto de pássaros
reúne violinos
ao compasso da viola

No espelho da sala
da casa de ontem
o retrato dos mortos
salta no rosto da memória

No curral rezam os bois
como anjos solenes
com o olhar no pasto branco do céu

Erecto sobre o tempo
o juazeiro espreita a chuva
no evangelho viçoso do verde

As abelhas
na elegância da doçura
espantam a amargura
tecendo labirinto de mel

O nazareno que acaba de chegar
tem olhos de vaga-lume
que afugenta a treva da terra

O rio Punaré
no passo do gado
cada vez mais próximo de mim
na solidão

Agora
na fazenda São José
a epifania das árvores
celebra a criação
no regaço do mistério

A eucaristia das pedras
na liturgia da espera
é um fio de ouro
no algodão da aurora.

No Natal
o orvalho divino
sacramenta o eterno
no efêmero do homem